

Katherine Applegate



intrínseca

árvore dos desejos



Katherine Applegate

árvore dos desejos

Ilustrado por Charles Santoso

Tradução de Thais Paiva


intrínseca



Copyright do texto © 2017 by Katherine Applegate
Copyright das ilustrações © 2017 by Charles Santos
Publicado originalmente por Feiwel and Friends, um selo
de Macmillan USA. Publicado mediante acordo com Pippin
Properties Inc., por intermédio de Rights People, Londres.

TÍTULO ORIGINAL: WISHTREE

PREPARAÇÃO: MILENA VARGAS E GIU ALONSO
REVISÃO: MARCELA RAMOS

PROJETO GRÁFICO: LIZ DRESNER
ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO: ANTONIO RHODEN
DIAGRAMAÇÃO: INÊS COIMBRA

DESIGN DE CAPA: RICH DEAS E LIZ DRESNER
ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING: ANTONIO RHODEN

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: ©2019 BY CHARLES SANTOSO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A658a

Applegate, Katherine, 1956-
Árvore dos desejos / Katherine Applegate ; ilustração Charles Santos ;
tradução Thaís Paiva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
224 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Wishtree
ISBN 978-65-5560-048-3

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Santos, Charles. II.
Paiva, Thaís. III. Título.

20-65515 CDD: 808.899282
CDU: 82-93(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

O poema na página 7,
"Be Different to Trees", de
Mary Carolyn Davies,
foi traduzido livremente.

para os recém-chegados
e
para quem os recebe de braços abertos







É diferente com as árvores

O carvalho falante
Com anciões é cantante.
Mas não há árvore sequer
Que não me diga o que quer.
As verdades que sei
Foi assim que ganhei.
Mas quem tudo quer contar,
 E só se atenta à própria voz que canta,
Nenhuma sílaba vai escutar
 Dos lábios de nenhuma planta.



— *Mary Carolyn Davies (1924)*







É difícil conversar com as árvores.
Não somos muito boas de papo furado.

Isso não quer dizer que não sejamos capazes
de fazer coisas incríveis, coisas que talvez você nunca
possa fazer.

Abrigar corujinhas fofas. Firmar casas na árvo-
re. Fotossíntese.

Mas conversar com as pessoas? Não é muito a
nossa praia.

E nem espere que uma árvore conte uma boa
piada.



As árvores até falam, mas só com quem sabemos ser de confiança.

Conversamos com os esquilos ousados. Conversamos com as minhocas trabalhadeiras. Com as borboletas espalhafatosas e com as mariposas tímidas.

Pássaros? São um encanto. Sapos? Meio rabugentos, mas têm bom coração. Cobras? Fofoqueiras incuráveis.

Árvores? Sempre gostei de todas que conheci.

Tá bom, admito. Todas, menos daquela figueira da esquina. Aquela que é cheia de um blá-blá-blá insuportável.

Mas e com pessoas, a gente fala? Falar de verdade — a coisa mais *humanística* que os humanos fazem?

Boa pergunta.

Afinal, as árvores têm uma relação bem complicada com as pessoas. Num instante, elas nos abraçam. No instante seguinte, nos transformam em mesas e palitos de dente.

Talvez você esteja se perguntando por que nunca mencionaram nas aulas de ciência que as árvores falam, em alguma daquelas lições tipo “A natureza é nossa amiga!”.

Não é culpa dos seus professores. É muito provável que eles também não saibam que as árvores falam. A maioria dos seres humanos não sabe.

Mesmo assim, se algum dia você parar ao lado de uma árvore com uma cara bem amigável e quiser arriscar, tente prestar atenção. Mal não vai fazer.

Árvores não sabem contar piadas.

Mas contamos ótimas histórias.

E se tudo o que você conseguir ouvir for o farfalhar das folhas, não se preocupe. A maioria das árvores é um bocado introvertida.







Ah, sim. Meu nome é Red, aliás.

Talvez a gente já tenha se visto antes. Sabe o carvalho perto da escola de ensino fundamental? Grande, mas não demais? Uma sombrinha gostosa no verão e cores lindas no outono?

Tenho orgulho de ser um carvalho-vermelho-americano, também conhecido como *Quercus rubra*. Minha espécie é uma das mais comuns na América do Norte. Só na minha vizinhança somos centenas e centenas de carvalhos, enredando nossas raízes solo adentro como fiandeiras obstinadas.



Meu tronco é vermelho-acinzentado, com casca sulcada; minhas folhas são lustrosas e têm bordas pontudas; minhas raízes são teimosas e territoriais; e no outono, modéstia à parte, minhas cores são as mais vivas da rua inteira. O nome “Red” não me faz justiça.



Quando chega outubro, parece que estou em chamas. É um milagre que todo outono os bombeiros não venham tentar me apagar.

Talvez você fique surpreso quando eu te contar que todos os carvalhos-vermelhos se chamam Red — palavra que, afinal, significa “vermelho”.

Assim como todos os jasmims se chamam Jasmim. Todos os juníperos se chamam Juno. E todas as samambaias se chamam Sam.

É assim que funciona no mundo das árvores. Não precisamos de nomes para saber quem é quem.

Imagine só uma sala de aula composta apenas por Matias. Eu teria pena do pobre professor fazendo a chamada toda manhã.

Ainda bem que árvores não vão para a escola.

É claro, há algumas exceções à regra. Em algum lugar de Los Angeles existe uma palmeira que insiste em ser chamada de Cristal, mas você sabe como é o pessoal da Califórnia, não sabe?







Meus amigos me chamam de Red, e você também pode me chamar assim. Mas há um bom tempo as pessoas daqui da vizinhança me chamam de “árvore dos desejos”.

O motivo disso começou muito tempo atrás, quando eu ainda era só uma mudinha que sonhava alto.

É uma longa história.

Todo ano, no dia 1º de maio, vem gente de todos os cantos da cidade me enfeitar com tiras de papel, cartões, retalhos, pedacinhos de cordão e, vez ou outra, um meião de futebol. Cada oferenda representa um sonho, um desejo, um anseio.





Presas com um laço de fita, amarradas ao tronco, ou mesmo só penduradas em um galho: todas representam a esperança de algo melhor.

As árvores dos desejos têm uma história longa e nobre, datada de séculos atrás. Há muitas delas na Irlanda: na maioria das vezes são espinheiros, mas às vezes também são freixos. Contudo, você pode encontrar uma árvore dos desejos em todos os cantos do mundo.

A maior parte das pessoas que me visitam são gentis. Parecem compreender que um nó apertado demais pode acabar me impedindo de crescer da maneira de que preciso. Elas são delicadas com as minhas folhinhas recém-nascidas, cuidadosas com as raízes aparentes.

Depois de escrever seu pedido em um retalho ou pedaço de papel, as pessoas o amarram em um dos meus galhos. Costumam repetir o desejo em um sussurro enquanto deixam sua oferenda.

O dia tradicional para fazer pedidos é 1º de maio, mas as pessoas vêm o ano inteiro.

Minha nossa, já escutei cada coisa!

Desejo um skate.

Desejo um mundo sem guerras.

Desejo uma semana de céu limpo e sem nuvens.

Desejo a maior barra de chocolate do mundo.

Desejo tirar dez na prova de geografia.

*Desejo que a sra. Gentorini fique menos mal-
-humorada de manhã.*

*Desejo que meu porquinho-da-índia aprenda a
falar.*

Desejo que meu pai fique bom logo.

Desejo que não me falte mais o que comer.

Desejo me sentir menos sozinho.

Desejo saber o que desejar.

Tantos desejos. Grandiosos e engraçados, egoístas e encantadores.

É uma honra ter tantas esperanças depositadas em meus velhos galhos cansados.

Muito embora no fim do primeiro dia de maio sempre fique parecendo que alguém virou um gigantesco cesto de papéis em mim.

Árvores não sabem contar piadas, mas contam ótimas histórias. E Red é um carvalho centenário que já viu de tudo em seus muitos anos de vida. Também é a árvore dos desejos do bairro, e todo ano, no dia 1º de maio, as pessoas amarram em seus galhos fitas ou tiras de tecido com os mais diversos pedidos, sonhos e anseios.

Mesmo gostando de uma boa fofoca, não é da natureza das árvores se intrometer na vida dos humanos, então Red apenas ouve tudo com muita atenção, sempre em silêncio. No entanto, quando a família da solitária Samar se muda para o bairro e é recebida com desconfiança e ameaças, Red percebe que há algo estranho acontecendo. Aquela vizinhança já tinha acolhido inúmeras famílias. Qual a diferença dessa vez? O lenço que a mãe de Samar usa na cabeça? Ou alguma outra coisa?

Numa noite fria, após ouvir o inesperado e comovente pedido sussurrado pela menina, Red convoca a melhor amiga, a corva Bongô, e decide que chegou a hora de sua voz ser finalmente ouvida, pois muitas vezes temos que desafiar a tradição e nossos próprios medos para defender quem mais precisa.

Em edição de luxo, com capa dura, fitilho e belíssimas ilustrações, *Árvore dos desejos* é uma fábula inesquecível que mostra a importância do respeito às diferenças para uma vida em sociedade. Com maestria, Katherine Applegate traça uma história emocionante e atemporal sobre o poder da amizade e da empatia.

Saiba mais em

www.intrinseca.com.br/livro/993/